

A necessidade de “escrever para educar” na correspondência de Jan Hus

Thiago Borges de Aguiar¹

Resumo: Neste trabalho fazemos um estudo sobre a necessidade de escrever cartas para educar por parte do sacerdote Jan Hus, da Boêmia do século XV. Este personagem da reforma da Igreja Católica no período anterior a Martinho Lutero possui um importante lugar a ser reconhecido na História da Educação. Sua ação educativa na Capela de Belém, em Praga, especialmente voltada ao ensino da moral cristã e à defesa da verdade, precisou ser interrompida pela oposição do alto clero romano às suas ideias, forçando o capelão a se exilar. No entanto, Jan Hus utilizou da escrita de cartas para continuar a educar. Partindo da problematização da figura desse educador e da caracterização de sua correspondência, apresentamos suas motivações para escrita epistolar (trabalho intelectual, aconselhamento, refutação de acusações, defesa da verdade e continuidade da tarefa pastoral-educativa à distância) e o modo como utilizou dessa escrita para educar defendendo a verdade.

Palavras-chave: cartas, educação cristã, verdade, século XV

A escrita de cartas foi um importante recurso para a comunicação a distância desde a Antiguidade até o século XX e um elaborado exercício retórico para os intelectuais da Baixa Idade Média (cf. TIN (2005) e outros). A partir deste conceito, procuramos, em nossas investigações atuais, analisar a epistolografia em relação ao uso educativo. Para tal, realizamos um estudo de caso com a correspondência do educador Jan Hus, sacerdote da Boêmia, morto na fogueira em 1415, conhecido por seu papel na reforma da Igreja Católica, mas ainda pouco por seu trabalho educativo².

Neste trabalho, apresentaremos a parte deste estudo que diz respeito à necessidade desse educador de escrever cartas para realizar sua ação educativa. Iniciaremos com uma descrição do problema de designar esse sacerdote da Boêmia como “educador”, seguido de uma caracterização de sua correspondência, concluindo com uma análise de como a necessidade de escrevê-la aparece nas cartas.

Jan Hus foi um sacerdote da região da Boêmia (onde hoje se localiza a República Tcheca), que nasceu entre 1369 e 1373 e foi morto na fogueira em 6 de julho de 1415, condenado como herege pelo Concílio de Constança. Foi representante e um dos líderes de um movimento reformista na Igreja Católica, cerca de cem anos antes de Martinho Lutero. Seu principal escrito, um tratado sobre a Igreja, inspirado nas ideias do reformador inglês John Wycliff, questiona, entre outros pontos, a submissão ao papa, indo de encontro às implicações da bula papal *Unam Sanctam*, de 1302, que a estabelecia. Dentre seus seguidores, posteriormente denominados *Hussitas*, destacaram-se os Irmãos Morávios, de onde, dois séculos depois, surgiu Jan Amós Komensky (Comenius), o criador da Didática.

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), no nível Doutorado, na área temática História da Educação e Historiografia. Membro do Grupo de Estudos História da Educação e Religião (GEHER) da FEUSP.

² Nossa pesquisa de doutorado intitula-se “Jan Hus Educador: um estudo do uso de cartas como instrumento educativo por um sacerdote da Boêmia no século XV” e é orientado pela Professora Doutora Maria Lúcia Spedo Hilsdorf.

Os biógrafos de Hus oferecem pouco destaque ao caráter educativo de sua vida e obra, preferindo-lhe a alcunha de “reformador”. Os tratados de História da Educação, em geral, inserem-no no movimento da Reforma Protestante e nas suas consequências educativas.

Uma ação educativa de Hus pouco explorada na bibliografia é a sua atuação na reforma ortográfica da língua tcheca e sua divulgação, tendo inclusive produzido uma cartilha para o ensino de sua leitura³. Ela é citada por MANACORDA (1989, p. 194), um dos poucos historiadores da educação a mencionar Hus e o único que encontramos, até o momento, a citar a cartilha.

Outro elemento da ação educativa de Hus, este bastante mencionado por seus biógrafos embora não apontado nessa perspectiva, é o conjunto de sermões proferidos no púlpito da Capela de Belém, a qual chefiou presencialmente por pouco mais de dez anos. Nos cerca de três mil (FLAJŠHANS apud SPINKA, 1968, p. 51) que proferiu em tcheco, o sacerdote movimentou a “capital cultural” do Império, Praga, divulgando as ideias reformadoras que lá pululavam nas últimas décadas.

O chefe da Capela de Belém era também professor da Universidade de Praga e oferecia, nessa capela, abrigo para os estudantes que vinham estudar na primeira universidade nacional, fundada pelo imperador Carlos IV em meados do século anterior. Nessa moradia, provavelmente, também lhes dava apoio pedagógico, segundo um dos modelos de constituição dos futuros colégios que floresceram no Renascimento (HILSDORF, 2006, capítulo 2).

Dentre as fontes para o estudo da atuação educativa de Hus, a que talvez melhor permita compreendê-la é o conjunto das cartas que ele escreveu nos últimos dez anos de vida. Essa correspondência é destacada por seu valor histórico e por revelar “as características e os sentimentos íntimos” (SPINKA, 1972, p. ix), ou por permitir ver como Jan Hus “viveu e trabalhou, de forma mais real (...) mostrado por ele mesmo” (WORKMAN e POPE, 1904, p. x).

A leitura dessas cartas oferece-nos, contudo, mais do que elementos para observar essa ação educativa. A própria correspondência apresenta-se como um instrumento dessa ação, na medida em que dá continuidade à sua ação pastoral-educativa dos sermões na capela de Belém a distância, transmite seu legado educativo para seus discípulos e exorta seus amigos a seguirem padrões morais cristãos.

Das cartas que Hus escreveu ao longo de sua vida, cerca de cem estão editadas atualmente. Tendo sido originalmente escritas em latim (cerca de 80%) e em tcheco (cerca de 20%), elas foram traduzidas para línguas como inglês, francês e alemão. Esses documentos são ainda originais em língua portuguesa⁴.

A mais completa e recente edição da correspondência ativa de Hus (cartas escritas pelo autor) foi traduzida para o inglês pelo historiador estadunidense Matthew Spinka, em 1972, com base numa

³ Apresentamos essa cartilha no Simpósio Internacional “Livro Didático: Educação e História”, em 2007, na Universidade de São Paulo (ver bibliografia).

⁴ Exceto pelos pequenos trechos presentes na tese de Renato OBERG, defendida na USP em 1972, intitulada “Jan Hus, um injustiçado?”.

edição tcheca de 1920. Utilizaremos essa compilação como base para a tradução e a numeração das cartas apresentadas neste trabalho.

Nela encontramos 105 cartas, abrangendo os dez últimos anos da vida de Hus. Quatro das cartas fazem parte da correspondência passiva de Hus (nas quais ele é o destinatário). Todas foram escritas seguindo o padrão retórico intelectual da época, explicitado no texto “Regras para escrever cartas” (*Rationes dictandi*), de um autor anônimo de Bolonha de 1135, traduzido para o português por Emerson Tin (op. cit., pp. 81-109).

Esses escritos de Hus versam sobre temas como Igreja, vida sacerdotal, obediência, verdade, moral cristã e comentários sobre seu contexto de vida particular e pública. Possuem por destinatários, em sua grande maioria, amigos ou opositores da nobreza, do clero, da realeza, da universidade e cartas pastorais para sua congregação ou para o “povo da Boêmia”.

Mas o que levou esse sacerdote da Boêmia a escrever cartas? Em primeiro lugar, Hus era um intelectual, professor da Universidade de Praga e, portanto, tinha na escrita um de seus principais instrumentos de trabalho. Parte das suas primeiras cartas possui esse caráter de instrumento de trabalho, como a de número 2.

Nela, escreve a John Hübner, um professor silésio-alemão da mesma universidade, em 1404. Em janeiro desse ano, Hübner defendeu em seu *Quodlibet*⁵ que um conjunto de quarenta e cinco artigos, supostamente extraídos dos escritos de Wycliff, era herético. Esta carta é a resposta de Hus, cujo trecho a seguir selecionamos a título de ilustração:

“Você também declarou que Wyclif denomina a santa madre Igreja de sinagoga de Satã. Exceto por sua referência, isso não é verdade. Se talvez isso esteja assim escrito em sua cópia, é um erro; ou você não a leu cuidadosamente, ou a tendo examinado, você não registrou bem na memória. Pois se a cúria Romana for a sinagoga de Satã, isso não resulta que a santa madre Igreja seja a sinagoga de Satã. E se ele disse ‘Igreja’, sem adicionar ‘santa’, isso está de acordo com o que Davi diz: ‘Eu odeio a igreja dos maus.’”

Também encontramos nas primeiras cartas um educador aconselhando a respeito da conduta moral das pessoas. São cartas que mostram uma autoridade educativa que aconselha e é consultado a respeito dessa conduta. Essa relação é explícita na admoestação inicial da carta de número 1 (sem data), escrita a um sacerdote que acabara de aceitar um ofício secular: “*Contra o meu conselho, não sei se correto, você já aceitou um ofício bastante perigoso*” (grifo nosso).

De modo semelhante, ele procede na carta 3 (sem data), para uma mulher da nobreza: “*Ouvi dizer que você está levando bem sua viuvez, mas que não está sendo cuidadosa ao permitir jogos e danças em sua casa, o que é uma clara transgressão dos mandamentos de Deus.*”

Vemos reaparecer esse cuidado com a conduta moral das pessoas na carta de número 4, escrita antes de agosto de 1406, a um nobre acusado de cometer roubos durante as guerras de 1405. No trecho

⁵ *Quodlibet* é um exercício intelectual da Escolástica na qual um mestre dispõe-se a tratar de um tema levantado por qualquer pessoa. Le Goff (2003, pp. 122 e 123) apresenta brevemente esse tipo de disputa.

que selecionamos, o educador boêmio apresenta-se preocupado com um nobre que já foi seu discípulo, Jan Chudoba, exortando-o a parar de roubar. Também vemos uma menção que poderia passar despercebida, mas que marcará boa parte das cartas seguintes de Hus: as acusações das quais ele próprio foi vítima.

“Com grande tristeza no coração fiquei sabendo que algumas pessoas espalharam a informação que Vossa Nobreza voltou a roubar, agora, confiscando as propriedades das pessoas, desapropriando os donos e roubando suas posses. Se isso tudo o que dizem de você é verdade eu não sei e gostaria que não fosse. Ai de mim! É com frequência que me repreendem face a face, dizendo ‘Cuidado, seu filho devoto Chudoba, que você esperava que subisse aos céus e cuja penitência você ousou declarar publicamente, é, agora, um ótimo penitente! O que antes ele não podia roubar, agora rouba. Ele recebeu o título de cavaleiro para poder roubar com mais audácia.’ Esse tipo de fala crava-se em meu coração.

Não obstante, essa fala em nada me ofenderia se eu soubesse que não é verdadeira. Pois **coisas piores são ditas a meu respeito**, mas eu me regozijo de consciência tranquila, negando as acusações de meus inimigos, ao saber que elas são indubitavelmente falsas. Por isso, nobre e amado senhor em Cristo, humildemente exorto-lhe, pelo amor da compaixão, misericórdia e justiça de Deus, que poupa os pecadores penitentes, mas pune aqueles que irremediavelmente cometem o mal: lembre-se da glória e da punição perpétuas, considere sua honra, permaneça firme em suas boas intenções anteriores e não roube.” (grifos nossos)

Parte significativa da correspondência ativa de Hus apresenta, de alguma forma, sua refutação perante as acusações de heresia que lhe foram imputadas⁶ e a defesa da verdade, presentes na carta de número 8, escrita em 1408 para o arcebispo de Praga. No trecho a seguir, Hus apresenta-se ainda numa postura de humildade e fidelidade perante o arcebispo Zbyněk, que antes apoiava o sacerdote da Capela de Belém, mas que no momento da escrita dessa carta já havia se tornado um de seus grandes opositores.

“Eu fui acusado por meus adversários perante a graça de Vossa Paternidade de ser um pregador escandaloso e errôneo, contrário à Santa Madre Igreja e, assim, me afastar da fé. Mas isso foi feito de forma frívola e mentirosa. Portanto, com a ajuda de Deus, gostaria de, humilde e fielmente, refutar as acusações frívolas de meus inimigos, declamadas perante vossa mais graciosa Paternidade, para dar razão à minha fé e esperança.”

Além desses quatro motivações da escrita (o trabalho intelectual, o aconselhamento moral, a refutação às acusações e a defesa da verdade), encontramos o principal conjunto de cartas com um objetivo específico de educação cristã. A carta de número 16 é a primeira desse conjunto. Foi escrita em 1411 para os habitantes da cidade de Louny, uma cidade localizada a noroeste de Praga, local que Hus considera um lugar no qual “a harmonia e unanimidade” pela “fé, paz, caridade e atenção à palavra do Salvador” são maiores do que em qualquer outra cidade. Escreve exortando-os a permanecerem no caminho correto que já seguem.

⁶ As origens e o teor dessas acusações fogem ao escopo deste trabalho. Elas foram bem desenvolvidas por Renato OBERG (1971 e 1972).

Ao povo dessa cidade propõe uma postura perante os cismas e conflitos entre as pessoas.

“Caso haja ali alguém perturbador e obstinado em disseminar a discórdia, admoesta-o como um irmão. Não leve a questão perante um tribunal, pois isso trará para ambos grandes prejuízos para sua alma, seu corpo e seus bens. Prefiram vindicar o mal causado a Deus ao mal causado a vocês mesmos.”

O sacerdote boêmio afirma que a humanidade está errando, preocupando-se em vindicar as coisas pessoais mais do que as divinas. Escreve, então, como o clero está incoerente com as recomendações das escrituras, mostrando os erros que combatia, bem como a perseguição que ele próprio estava sofrendo.

“Um sacerdote, monge ou prelado pode ser um fornicador ou um adúltero e sair livre de sua falta, mas se ele ensinar algo segundo sua vontade, isso será visto como um motivo para o anátema. Acontece o mesmo com os leigos: se alguém desonrar a Deus, eles não o punirão, mas se alguém lhes disser “Sacerdotes designados, vocês me condenaram injustamente”, o que acontece com frequência, imediatamente eles o punem com a espada, porque afirmam que ele acusou injustamente aos juizes clericais.”

Voltando-se a seus destinatários, afirma acreditar que eles não seguirão esse caminho e discorre, como um tema para reflexão, sobre a Justiça Divina. Esta é apresentada como a compensação futura pelos sofrimentos presentes, concluindo “*seremos, então, abençoados se perseveramos no caminho do bem até o fim*”. Termina sua carta exortando-os a viverem devotamente⁷.

A carta aos habitantes de Louny é semelhante à outra, de número 20, escrita posteriormente, mas ainda no mesmo ano, para os moradores da cidade de Plzeň. A característica educativa dessas cartas será a marca de cerca de um quarto da correspondência hussita. Elas formam o que designamos como cartas pastorais-educativas⁸. Foram escritas para serem lidas, provavelmente, no púlpito da Capela de Belém, em sua ausência. Mas por que escrever cartas para serem lidas no local de onde Hus proferia seus sermões? A motivação para educar por meio dos sermões moveu-se para a escrita devido a uma nova necessidade: compensar a distância causada por seu exílio forçado. Na carta de número 25, de outubro de 1412, ele vive seu ponto de viragem.

A cidade de Praga fora posta sob interdito por causa das ações e palavras de Hus. O interdito é uma sanção que impede a realização de ofícios divinos na região. Talvez não consigamos, hoje, perceber o que isso significava para o povo boêmio da época. A historiadora estadunidense Barbara TUCHMAN (1978) oferece-nos a medida da influência da Igreja no cotidiano, quando descreve o Cristianismo como

⁷ Esta carta, bem como toda a correspondência, também poderia ser analisada do ponto de vista da retórica medieval, visto que segue o padrão apresentado na *Rationes dictandi* (Emerson TIN, op. cit.), com saudação, captação da benevolência, narração, petição e conclusão.

⁸ Os números dessas cartas na edição de Matthew Spinka são: 25, 26, 27, 28, 29, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 46, 48, 50, 51, 52, 58, 73, 87, 91, 94, 100 e 101.

“a matriz da vida medieval: até mesmo receitas de cozinha determinavam que um ovo fosse cozido 'durante o tempo em que se pode dizer um Miserere'. Ele governava o nascimento, casamento e morte, sexo, comida, estabelecida as regras do direito e da medicina, dava à filosofia e à erudição sua matéria. A participação da Igreja não era uma questão de escolha, mas compulsória e sem alternativa, o que lhe dava uma influência que não era fácil desalojar.” (p. 32)

Cientes dessa presença, podemos compreender esse grande momento de dúvida para Hus:

“Refleti longamente, também, a respeito da carta de Santo Agostinho ao Bispo Honoratus, que procurou por seus conselhos em uma situação semelhante. Em sua resposta, Agostinho conclui: ‘Aquele que fugir de tal modo que sua fuga não prive sua igreja do ministério evangélico faz o que o Senhor lhe recomendou e permitiu. Mas aquele que fugir de tal modo que o rebanho do Cristo seja privado de seu alimento espiritual é como o mercenário que, vendo o lobo se aproximar, foge, porque não se preocupa com as ovelhas.’ (...)

Avisem-me, portanto, se vocês concordam com o conselho de Agostinho, pois minha consciência adverte-me da ofensa que minha ausência pode causar, embora não esteja faltando ao rebanho o alimento necessário da palavra de Deus. Por outro lado, temo que minha presença, durante o período do interdito execravelmente obtido, possa causar a suspensão desse alimento, privando o rebanho do santo sacramento da comunhão e de outros recursos para a salvação.”

Deixar o “rebanho” para acabar com o interdito à Praga, correndo o risco de não poder oferecer a “palavra de Deus”, o “sacramento da comunhão” e “outros recursos para a salvação” ou permanecer, oferecendo esses elementos? Eis a grande dúvida de Hus, a dúvida do educador. A dúvida daquele que quer continuar a educar apesar das dificuldades que se surgiram: o que é mais prejudicial, a sua ausência ou a sua presença nestas circunstâncias. As referências à “palavra de Deus” e às epístolas de “São Paulo” no final da carta antecipam o caráter educativo da correspondência escrita do exílio.

“O apóstolo Paulo, dos teólogos o mais avançado, exortou seus discípulos convertidos a orarem o tempo todo, no espírito, por ele (...) como encontramos em Efésios 6, Tessalonicenses 3 e Colossenses 4.(...)

Suplico-lhes, portanto, em nome do Senhor, que lhe despejem súplicas em espírito e verdade, para que “a palavra viva de Deus seja-me dada ao abrir minha boca e eu possa falar como devo”, tal qual foi dada a São Paulo por causa das orações de outros.”

Cerca de um mês depois desta, Hus demonstra sua preocupação em continuar a ensinar a moral cristã, apesar da distância, na carta de número 27. Esta, escrita em tcheco para o povo de Praga, ele ensina as pessoas a reconhecerem o que denominou de “armadilhas do Anticristo e de seus mensageiros”. Neste trecho, justifica ter se exilado para proteger seus fiéis e defender a verdade.

“Tenham certeza que eu não hesito entregar minha pobre vida pela verdade de Deus perante o perigo ou a morte, pois nada falta para nós em Sua palavra e, dia após dia, a verdade evangélica se espalha mais. No entanto, eu desejo viver por aqueles que sofrem a violência e precisam da pregação da Palavra de Deus, para que a maldade do Anticristo possa ser exposta e os devotos escapem dela. É por isso que eu estou pregando em outros lugares e exercendo o ministério para todos, sabendo que assim

a vontade de Deus se realiza em mim, mesmo que eu morra ou caia doente pelas mãos do Anticristo. Se eu for para Praga, os meus inimigos, que não servem a Deus e impedem os outros de servi-lo, com certeza, prepararão armadilhas para mim e perseguirão a vocês. Contudo, rezemos a Deus para que, se houver entre eles alguns dos escolhidos, que estes se voltem para o conhecimento da verdade.”

Este exílio viria a se transformar em prisão no momento em que Hus chegou à cidade alemã de Constança, em novembro de 1414, para o Concílio no qual esperava esclarecer suas posições. Estar encarcerado foi uma forte motivação para a escrita. Preso, escreveu mais da metade da correspondência que dispomos dele hoje em dia.

As cartas escritas de Constança são as mais conhecidas e citadas do educador boêmio. Matthew Spinka, por exemplo, traduziu-as para o inglês em 1965, sete anos antes da publicação completa. Quem fizer uma leitura atenta desse conjunto perceberá que Jan Hus procurou deixar nelas sua marca, que já anunciara em outro trecho da mesma carta 27: *“A verdade que eles quiseram eliminar tem a propriedade de brilhar mais forte, sempre que se tenta apagá-la, e de subir mais alto, sempre que se tenta rebaixá-la.”*

O que no início de sua correspondência era uma defesa de si próprio tornou-se, com o passar dos anos e das palavras, uma defesa da própria Verdade, utilizando-a como o mote de sua educação cristã por meio das cartas. O trecho a seguir é representativo dessa intenção:

“Escrevo-lhes esta carta, meus queridos irmãos e amadas irmãs, para que vocês se mantenham firmes na verdade que aprenderam. Não temam as intimações e não venham menos do que antes para ouvirem a Palavra de Deus por causa das ameaças cruéis que eles fazem. Pois “o Senhor é fiel, e há de fortalecer-vos e vos guardar do mal’.”

Mais que a necessidade causada pela separação, aumentada pelo exílio e pela prisão, e a necessidade de defender-se perante as acusações, Jan Hus, este educador da Boêmia do século XV, utilizou-se das cartas para dar conta da sua mais premente necessidade educativa: a de continuar a educar, defendendo a verdade, não importando qual fosse o obstáculo.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Thiago Borges de. *O abecedário de Hus: o passo tcheco no caminho para as primeiras cartilhas européias*. Anais do Simpósio Internacional Livro Didático: Educação e História. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2007.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *O aparecimento da escola moderna; uma história ilustrada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. Publicado originalmente em 1957 e 1985, por Editions du Seuil.

MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

OBERG, Renato Emir. Kutna Hora. Influências morais e políticas no julgamento do mestre João Hus. *Revista de História*, nº 85, São Paulo, 1971.

_____. *João Huss, um injustiçado?* Tese para Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Departamento de História, 1972.

SPINKA, Matthew (ed.). *The letters of John Hus*. Manchester, USA: Manchester University Press, 1972.

_____. *John Hus at the Council of Constance*. New York & London: Columbia University Press, 1965.

_____. *John Hus, a biography*. Princetown, New Jersey, USA: Princetown University Press, 1968.

TIN, Emerson (org.) *A arte de escrever cartas*. Campinas: Editora Unicamp, 2005.

TUCHMAN, Barbara W. *Um espelho distante: o terrível século XIV*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.